

**O NEGRO E A EFETIVIDADE DAS PSICOTERAPIAS EM UMA SOCIEDADE RACISTA.
EM UM MUNDO RACISTA, TRATE UMA PESSOA NEGRA EM UM CONSULTÓRIO DE
PSICOTERAPIA, ELA VOLTARÁ ÀS RUAS E ADOECERÁ DE NOVO**

BLACK PEOPLE AND THE EFFECTIVENESS OF PSYCHOTHERAPY IN A RACIST SOCIETY.
ABSTRACT: IN A RACIST WORLD, TREAT BLACK PERSON PSYCHOLOGICALLY AND THEY WILL
BECOME "SICK" AGAIN ONCE THEY GET OUT, IN TOUCH WITH THE WORLD.

Carlos Roberto de Freitas Leal¹

Resumo:

Não há terapia possível contra o racismo. Onde existe racismo, existe uma condição artificial que mantém o privilégio dos brancos e a subalternidade dos negros, condição essa que, operando tal como uma profecia, mantém viva essa diferença entre privilégio e subalternidade, uma geração após a outra. Essa condição adoece os negros e somente a sua superação pode permitir a este uma vida saudável.

Palavras-chave: Racismo, psicoterapias, Fanon

Abstract:

there's no effective therapy against racism. Where there is racism, there is an artificial condition the preserves the white privilege and the inferiority of the black people. This condition works as a prophecy, maintaining alive the difference between privilege and subalternity, generation after generation. It sickens the blacks and only by overcoming it they will be able to lead a healthy life.

Keywords: Racism; Psychotherapy; Fanon



¹ Doutorando em Filosofia - UFRJ

Aqui, neste lugar que os brancos colonizadores chamaram de Brasil, em direta referência a um dos produtos roubados, qual é a cor da pele do ser humano que exerce o magistério e qual é a cor da pele do ser humano que limpa o chão e os vasos sanitários das escolas e das universidades? Qual é a cor dos médicos e das médicas e qual é a cor de quem limpa o chão e os vasos sanitários dos hospitais, escritórios, shoppings, cinemas, bancos etc?

A resposta é sabida! Aqui, neste lugar, a cor da pele do ser humano que desempenha funções subalternas é preta.

O que se passa na cabeça de uma criança branca e o que se passa na cabeça de uma criança negra quando vê essa diferença? Que projeção de si cada uma dessas crianças faz? Com quem cada uma dessas crianças se assemelha? Com quem cada uma dessas crianças se identifica? Quais são os efeitos psicológicos em cada uma dessas crianças? Em que ser humano adulto se transforma cada uma dessas crianças? Quais profissões exercerão os filhos e os netos dos médicos e quais profissões exercerão os filhos e os netos dos empregados que limpam os vasos sanitários dos hospitais?

Há aqui, neste lugar, uma condição² artificial que mantém o privilégio dos brancos e a subalternidade dos negros, condição essa que, operando tal como uma profecia, mantém viva essa diferença entre privilégio e subalternidade, uma geração após a outra. Essa condição não é inofensiva, ela adocece a todos, brancos e negros: “o negro escravo de sua inferioridade, o branco escravo de sua superioridade, ambos se comportam em função de uma linha neurótica” (FANON, 2020, p. 74).

Bem, todos sabemos disso, certo? Todos sabemos que há uma condição artificial que adocece todos nós, certo? Não, errado. A superioridade do branco e subalternização do negro são tidas como normais. Não causam estranhamento porque **há uma dormência com relação ao sofrimento dos povos negros**. Para tirar a normalidade desse processo de adoecimento, alguém precisou desenhar. Foi preciso que uma pessoa escrevesse um livro e, ainda assim, passados 70 anos, quando se diz que a relação entre brancos e negros é adoecedora há uma surpresa: “Sério? Por quê?”.

Sim, há uma surpresa. Agora veja: alguém imaginou ser capaz de entrar na cabeça de um bebê para dizer que este tem uma vontade inconsciente de matar o próprio pai para assumir, com exclusividade, o amor da mãe e que esse conflito imaginário, que se dá no seio de uma família, é suficiente para produzir, por exemplo, o complexo de Édipo na cabeça dos humanos e neurotizá-los pelo resto da vida. Agora, uma condição real, presente e diária de humilhação e inferiorização causar adoecimento, isso é uma surpresa. É preciso que alguém explique como isso se dá.

Foi o que Frantz Fanon fez. Foi contra essa dormência, para gritar o óbvio nos ouvidos de todos nós que Fanon, apoiado na teoria da sociogenia, disse que “o negro é, no pleno sentido da palavra, uma vítima da civilização branca” (FANON, 2020, p. 203). Ou seja, há algo no mundo branco que “anormaliza” o negro. Importante que prestemos bastante atenção aqui: **o negro não é doente**, ele está sendo adoecido pela “civilização branca”.

É isso que ele afirma no livro “Pele negra, máscaras brancas” quando diz que

² Característica, aspecto ou essência que determina algo ou alguém: <https://www.dicio.com.br/condicao/>

“uma criança normal, que tenha crescido em uma família normal, será uma pessoa normal” (Fanon, 2020, p. 157) e que “uma criança negra, normal, tendo crescido em uma família normal, passará a ser anormal ao menor contato com o mundo branco” (FANON, 2020, p. 159).

Fanon falou a partir de sua própria experiência. Homem negro, nascido e crescido entre negros na Martinica (colônia francesa, tratada ainda hoje como ‘departamento ultramarino insular francês no Caribe’) e universitariamente formado entre brancos, na França (metrópole). Tendo vivido entre seus semelhantes negros na Martinica, Fanon precisou, já crescido, ir viver entre os brancos para descobrir-se negro e inferiorizado.

Eu, homem adulto negro, crescido nesse país que foi colônia portuguesa por quase 400 anos, onde as relações de poder entre metrópole e colônia coexistem, ainda hoje, dentro de cada cidade, cada bairro³, onde predomina o mito da democracia racial, ousarei, no presente artigo, juntar minha voz à de Fanon para adicionar mais uma camada de explicação sobre o óbvio.

Porém, antes de irmos à parte do conflito racial, cerne da referida oposição e parte que a nós mais interessa, nos arriscaremos a enfrentar alguns pontos potencialmente polêmicos de sua afirmação referentes ao uso da palavra “normal”, uso que ele mesmo reconhece como arriscado: “queremos crer que não seremos processados em razão desta última sentença. Bem, poderão os céticos perguntar: O que você chama de normal? Por ora, não é nosso propósito responder a essa questão”. (FANON, 2020, p. 157).

Ao continuar, Fanon deixa claro que emprega a palavra “normal” no sentido de saudável, como sendo aquilo que, por si só, não produz desespero, não tem potencial para causar adoecimento psíquico, não tem potencial para causar “trauma psíquico” (FANON, 2020, p. 159):

Para afastar a demanda mais urgente, citemos O normal e o patológico [1966] (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009), trabalho muito instrutivo de Georges Canguilhem, embora centrado exclusivamente no problema biológico. Acrescentamos apenas que, no domínio mental, é anormal aquele que suplica, apela, implora.” (FANON, 2020, p. 157)

Tal sentido aparece novamente em diversas outras passagens, a exemplo de quando Fanon constata que “há brancos que se comportam de modo saudável diante do negro” (FANON, 2020, p. 46) ou quando afirma ser seu intuito “viabilizar um encontro sadio entre o negro e o branco” (Fanon, 2020, p. 31).

Ainda na discussão sobre a palavra “normal”, entendemos que também merece ser afastada de Fanon a ideia de que ele estaria defendendo uma suposta perfeição (“normalidade”) das famílias brancas e negras, desde que nunca haja um encontro entre elas. Segundo tal interpretação, Fanon estaria sustentando com a sua afirmação que uma criança branca “normal” que tenha crescido em uma família branca “normal” nunca perderia sua “normalidade” e, da mesma forma, uma criança negra “normal”, desde que crescida em uma família negra “normal”, também nunca perderia sua “normalidade” se não houver nunca um encontro seu

³ Entendemos que a enorme e acertada contribuição de Fanon precisa ser corajosamente pensada por nós quando no cenário há não mais um encontro entre jovens negros e uma sociedade branca de dois lugares distintos (Martinica e França), mas em um país (Brasil) onde um negro já nasce sabendo que além dos seus ascendentes negros, há também outros seres humanos brancos, que, via de regra, desempenham outro papel social.

com o mundo branco.

Discordamos de tal interpretação. Em nosso entendimento, Fanon utiliza-se do termo “normal” não como garantia, mas como possibilidade, seja para a vida familiar de uma criança negra, seja para a vida familiar de uma criança branca. Assim, seria correto dizer que tanto em uma família branca quanto em uma família negra podem existir características de “anormalidade”, ou seja, podem existir (e certamente existem) elementos causadores de “trauma psíquico”. Afinal, é sabido que uma criança “normal”, ainda que tenha crescido em uma família “normal”, seja ela branca ou negra, pode deixar de ser “normal” por inúmeros fatores.

Todavia, havendo “normalidade” nesses contextos familiares, ainda assim, adicionados a todos os potenciais elementos causadores de sofrimento psíquico a que estão sujeitos os brancos e os negros, a criança negra adoecerá quando se der seu contato com o mundo branco. Essa é, em nossa avaliação, a grande contribuição de Fanon e que não pode ser diminuída por eventuais discussões periféricas. Se, para os brancos, o sofrimento psíquico, ainda que frequente, é potencial, para os negros, em um mundo racista, o “trauma psíquico” é garantido. Repetindo: “o negro é, no pleno sentido da palavra, uma vítima da civilização branca” (FANON, 2020, p. 203).

O que Fanon fez, nos parece, foi identificar o óbvio, identificar que, dentre muitas, há uma condição específica, um fator que incide como “anormalidade”, como “trauma”, apenas sobre o ser humano negro quando este entra em contato com o mundo branco. E, importa muito destacar, não se trata de algo que seja da ordem natural ou biológica, como se fosse algo típico do negro, um problema ou uma deficiência sua, mas de algo artificial, social, cultural, comportamental, que foi produzido pelos brancos colonizadores e que causa adoecimento do ser humano negro quando se dá o encontro entre esses dois mundos (branco e negro): **Trata-se da inferiorização do negro**, corolário lógico do racismo.

Aqui cabe uma explicação: O racismo é uma invenção do ser humano. Como tal, ele possui, necessariamente, um componente imaginário e pode, ou não, possuir um componente real. O componente imaginário do racismo é a crença que um determinado grupo humano tem de que pertence a uma raça específica e superior de humanos. Dada a natureza desse complexo de superioridade, essa crença tende a ser também um projeto de poder. Ou seja, havendo um grupo de humanos que se acha superior, esse grupo racista vai buscar assumir o poder em determinado território e estabelecer uma dada ordem social que transforme, essa tal crença, em um regime que assegure a dominação de seu povo sobre outros povos. Havendo sucesso nesse projeto de dominação, surge o componente real do racismo, a concretização do que até então era apenas imaginário. Trata-se da apropriação dos recursos que asseguram as condições materiais de vida humana, de maneira tal que os grupos discriminados não tenham mais condições de sobreviver fora da lógica da discriminação imposta. Isso significa que, em um lugar no qual esteja implementado um regime de dominação racista, o grupo racista se faz física e psicologicamente superior, ao mesmo tempo que inferioriza física e psicologicamente os demais povos dominados.

Nesse sentido, tendo sido a colonização um projeto racista, sua concretização resultou na implantação do racismo nas colônias, ou seja, os povos brancos europeus instituíram em suas colônias uma ordem social que impediu que os povos originários dos territórios invadidos vivessem sem que suas vidas estivessem inexoravelmente condicionadas à dominação, ou seja, a única vida

possível para um integrante dos povos dominados estava absolutamente submetida à inferiorização física e psicológica⁴.

Superada a colonização formal, o que aconteceu nos países colonizados?

Aqui, a elite racista do povo branco colonizador acumulou capital por 388 anos sequestrando, escravizando, roubando e vendendo crianças.

Aqui, a abolição, não resultou na reparação do povo escravizado e no julgamento e condenação da elite racista do povo branco, escravizadora e genocida.

Aqui, a elite racista do povo branco, escravizadora e genocida, continuou compondo a elite no Império e na República, que o substituiu.

Aqui, o fictício “pacto social” firmado após a abolição garantiu que todo o capital acumulado por mais de 25 gerações de sequestro, escravização, roubo e comércio humano permanecesse nas mãos da elite racista do povo branco, escravizadora e genocida.

Aqui, o fictício “pacto social” firmado após a abolição garantiu que todas as condições materiais de vida continuassem nas mãos da elite racista do povo branco, escravizadora e genocida.

Essas são algumas das causas que explicam porque aqui, neste lugar, os seres humanos que hoje limpam os vasos sanitários das escolas, dos hospitais, dos escritórios, dos aeroportos, dos shoppings etc, são negros: por conta do privilégio branco instituído à fórceps pela colonização em desfavor da inferiorização dos povos negros nunca desfeito. É graças a esse privilégio que a tarefa subalterna é sempre do ser humano negro.

Isso significa que, independentemente da vontade do ser humano negro, independentemente de seu conhecimento histórico e mesmo de sua consciência racial, em um território racista, ele encontra-se física e psicologicamente inferiorizado.

O que Fanon está dizendo nos ajuda a fazer uma importante distinção entre os termos inferior e inferiorizado. O ser humano negro não é inferior ao ser humano branco. As teorias eugenistas que tentaram encontrar na natureza elementos para afirmar a superioridade biológica do ser humano branco já foram devidamente abandonadas pela ciência. Porém, o ser humano negro é um ser humano inferiorizado. Inferiorizado não pela natureza quando comparado ao ser humano branco, mas inferiorizado à força pelo homem branco, contra a própria natureza.

No mundo pós-colonial, onde ainda sangra uma “ferida absoluta” (FANON, 2020, p. 111), no mundo onde predomina a “civilização branca”, nós negros **estamos sendo mantidos inferiorizados**.

como se vê, invocando a humanidade, o sentimento de dignidade, o amor e a caridade, seria fácil provar ou obter o reconhecimento de que o negro é equiparável ao branco. Mas, nosso objetivo é bem diverso: o que queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal complexual que brotou no seio da situação colonial (FANON, 2020, p. 45).

Como já dito quando explicada a origem psicológica do racismo, esse complexo de inferioridade do negro tem sua origem em um outro complexo, no caso, o complexo de superioridade do branco:

⁴ Ressalva deve ser feita aos quilombos e outros movimentos semelhantes nos quais estava marcada a ruptura com o modelo político, social e econômico a todos imposto.

A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos a coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado. Nessa conclusão, estamos na companhia de Sartre: “O judeu é um homem que os outros homens consideram judeus: eis a simples verdade de onde se deve partir [...]. O antissemita é que faz o judeu (FANON, 2020, p. 107)

Torna-se evidente, portanto, que ambos os complexos, de superioridade e de inferioridade, nascem da mesma causa, da mesma distorção do real, da mesma alucinação de desigualdade imaginariamente elaborada pelos povos brancos colonizadores: a ideia de superioridade dos brancos e inferioridade dos negros. É o que Fanon afirma quando diz: “Cremos que existe, em virtude da confluência entre as raças branca e negra, o acometimento em massa de um complexo psicoexistencial. Ao analisa-lo, almejamos sua destruição” (FANON, 2020, p. 26).

Há, todavia, uma importante diferença na consequência que esses complexos causam. Na medida em que o complexo de superioridade foi transformado em vantagem material na sociedade humana global pós colonização, os brancos se favoreceram e se favorecem, ainda hoje, daquela alucinação original. É dessa alucinação que advém a profecia que confirma, geração após geração, a subalternização do ser humano negro. **É de um processo de identificação elaborado nessa realidade de subalternização que advém o trauma psíquico**⁵:

[...] em paralelo às pessoas normais que se comportam sensatamente, de acordo com uma psicologia humana, existe quem se comporte patologicamente, de acordo com uma psicologia desumana. E acontece que a existência desse tipo de pessoa foi determinante para uma série de realidades, para cuja liquidação queremos aqui contribuir. (FANON, 2020, p. 46).

Fanon, de forma acertada, faz uso seletivo e crítico dos saberes tidos por ele como mal apropriados pelas escolas psicanalíticas para abordar o tema do “trauma psíquico”. Ele explica que a família tem papel fundamental na construção da estrutura psíquica de cada indivíduo:

A psicanálise, nunca é demais enfatizar, busca compreender determinados comportamentos – no interior do grupo específico que a família representa. E, quando se trata de uma neurose vivenciada por um adulto, a tarefa do analista é encontrar, na nova estrutura psíquica, uma analogia com alguns elementos infantis, uma repetição, uma cópia dos conflitos surgidos no seio da constelação familiar. Em todos os casos, a família deve ser considerada “um objeto e uma circunstância psíquicos” (FANON, 2020, p. 157).

Para o branco, a família serve de preparação para a vida em sociedade. Para o negro, a família é um pedaço da nação:

A família, na Europa, representa na verdade uma certa forma que o mundo tem de se oferecer à criança. A estrutura familiar e a estrutura nacional preservam estreitos laços. A militarização e a centralização da autoridade em um país automaticamente acarretam uma exarcebação da autoridade paterna. Na Europa e em todos os países ditos civilizados ou civilizadores, a família é um pedaço da nação. A criança que deixa o ambiente da casa dos pais se depara

⁵ O problema poderia ser de outra ordem, melhor dizendo, poderá ser de outra ordem, quando se der a desalienação do negro. Nessa ocasião, a subalternização deixará de ser um problema psíquico do negro e passará a ser um conflito social entre negros e brancos, melhor descrito na outra obra de Fanon: Os condenados da terra.

com as mesmas leis, os mesmos princípios, os mesmos valores. Uma criança normal que tenha crescido em uma família normal, será uma pessoa normal. Não há desproporção entre a vida familiar e a vida nacional. [...] há uma projeção das características do ambiente familiar sobre o ambiente social (FANON, 2020, p. 157/159).

A forma saudável como a pessoa branca se vê no interior de sua família prossegue válida quando no âmbito social. Para esse grupo, a família é uma preparação para a vida social:

A família branca é depositária de uma certa estrutura. A sociedade é efetivamente o conjunto das famílias. A família é uma instituição que prenuncia uma instituição mais ampla: o grupo social ou nacional. Os eixos de referência permanecem os mesmos. A família branca é o lugar em que se é preparado e treinado para uma vida em sociedade (FANON, 2020, p. 164).

Já com relação ao ser humano negro, Fanon faz questionamentos no que diz respeito à aplicação das teorias psicanalíticas:

As escolas psicanalíticas estudaram as reações neuróticas que se originam em determinados ambientes, em determinados setores da civilização. Deveríamos, para cumprir uma exigência dialética, perguntar-nos em que medida as conclusões de Freud ou Adler podem ser empregadas numa tentativa de explicar a visão de mundo do homem de cor (FANON, 2020, p. 157).

O afastamento que as teorias psicanalíticas têm da negritude teria levado todos a desconsiderar o fato de que não há facilitação no encontro entre os mundos familiares e a sociedade quando se trata do ser humano negro. Para os brancos, família e sociedade se complementam, para os negros família e sociedade conflitam.

Fanon afirma que esse conflito ocorre em um determinado momento. Enquanto o ser humano negro antilhano vive alienado na colônia, este também consegue imaginar-se, juntamente com sua família, como parte da Nação⁶. Todavia, ao adentrar à metrópole a face do racismo se escancara. Surge neste encontro um colapso entre a ideia que o negro tinha de si mesmo, em seu contexto familiar, e a ideia que ele passa a ter de si após sua entrada na Europa:

O negro, desde que permaneça em sua terra, cumpre mais ou menos a mesma sina da criança branca. Mas, se for à Europa, terá de rever seu destino. Pois o negro na França, em seu próprio país, acabará se sentindo diferente dos outros. Apressadamente se diz: o negro se inferioriza. A verdade é que o inferiorizamos. O jovem antilhano é um francês que a todo momento é chamado a conviver com compatriotas brancos. Mas a família antilhana praticamente não mantém nenhum vínculo com a estrutura nacional, isto é, francesa europeia. O antilhano deve então escolher entre a sua família e a sociedade europeia; em outras palavras, o indivíduo que *galga* a sociedade – a branca, a civilizada – tende a rejeitar a família – a negra, a selvagem – no plano imaginário [...]
Família ← Indivíduo → Sociedade (FANON, 2020, p. 164).

⁶ Como já dito, há uma especificidade com relação à negritude trabalhada por Fanon. Ele está a todo o tempo referindo-se aos negros das Antilhas, colônia Francesa onde a quase totalidade da população é negra, ao passo que aqui, neste lugar, o encontro entre os mundos (colônia e metrópole) se dá a todo instante nas ruas de cada cidade.

Fanon prossegue explicando que o processo de construção de si (subjetividade) se dá por assemelhamento e identificação, identificação que se dá com os “heróis” das histórias, com os protagonistas das histórias. Tendo sido a colonização um processo de negação da história e cultura dos povos originários dos continentes invadidos e colonizados⁷, no mundo colonizado o herói é branco, o protagonista é branco:

Nas Antilhas, o jovem negro, que na escola repete incessantemente “nossos pais, os gauleses, identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, ou seja, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. Ele imputa ao herói, que é branco, toda a sua agressividade - que, nessa idade, está intimamente relacionada à oblatividade: uma oblatividade carregada de sadismo. Uma criança de oito anos que oferece algo, mesmo a um adulto, seria incapaz de tolerar uma recusa. Pouco a pouco, vemos formarem-se e cristalizarem-se no jovem antilhano uma atitude e um hábito de pensar e de ver que são essencialmente brancos. Quando, na escola, ele às vezes lê histórias de selvagens nos livros brancos, sempre pensa nos senegaleses. Quando estávamos na escola, tivemos ocasião de discutir por horas a fio a respeito dos supostos costumes dos selvagens senegaleses. Havia no que dizíamos uma inconsciência no mínimo paradoxal. Mas é que o antilhano não se considera negro; ele se considera antilhano. O negro vive na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano se comporta como um branco. Mas ele é um negro. Isso ele perceberá ao chegar à Europa, e, quando falarem de negros, ele saberá que se trata dele tanto quanto do senegalês (FANON, 2020, p. 163).

Em condição oposta à representação heroica do branco, está a representação do negro, marcado no imaginário coletivo como selvagem (raivoso, doente, difícil etc). Assim, em vez de desenvolver a solidariedade de negros com negros, por meio de um processo natural de assemelhamento e identificação, o ser humano negro acaba desenvolvendo uma identificação impossível e doentia com o branco (heróis das histórias) e odiando a sua própria negritude (ódio recíproco):

Nas Antilhas, e temos todas as razões para acreditar que a situação seja a mesma nas outras colônias, são essas mesmas revistas ilustradas que são devoradas pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio Maligno, o Mal, o Selvagem são sempre representados por um negro ou um índio, e, como há sempre uma identificação com o vencedor, a criança negra se torna o explorador, o aventureiro, o missionário “que corre o risco de ser comido pelos negros malvados” com a a mesma facilidade que o faz a criança branca (FANON, 2020, p. 161).

Por isso, Fanon destaca a importância da construção de outro referencial de identificação para o ser humano negro:

Já se percebe que almejamos nem mais nem menos que a criação de revistas ilustradas dedicadas especialmente aos negros, canções para crianças negras e, no limite, livros de história, pelo menos até a conclusão do ciclo escolar. Pois, até prova em contrário, acreditamos que, se existe trauma, ele se situa nessa época (FANON, 2020, p. 164).

⁷ Epistemicídio: “destruição de algumas formas de saber locais, inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas - SANTOS, Boaventura de Sousa, MENEZES, Maria Paula (Orgs.) (2009). Epistemologias do Sul.

A partir deste ponto Fanon, em razão de sua formação em psiquiatria, mergulha em uma análise psicológica do negro, a quem ele chama de fóbigeno e ansiógeno (FANON, 2020, p. 166). Não é nossa intenção, no presente artigo, acompanhá-lo em tal mergulho. Todavia, a título de provocação, duas perguntas merecem ser formuladas e respondidas:

1. Se há um trauma psíquico e se acredita-se que a psicanálise pode dar tratamento aos traumas humanos, por que o negro simplesmente não se submete a uma terapia psicanalítica para livrar-se de seus traumas de inferiorização e do sofrimento deles decorrente?

A primeira coisa que merece ser dita em resposta a esta pergunta diz respeito à importante relação de causa e efeito que existe em tudo, inclusive quando o assunto é “trauma psíquico”. Citando Freud, Fanon salienta a vinculação que existe entre o trauma e o evento que o causou no passado:

Quase todos [os sintomas] se haviam formado desse modo, como resíduos -como "precipitados", se quiserem - de experiências emocionais, que, por essa razão, foram denominadas posteriormente "traumas psíquicos"; e o caráter particular a cada um desses sintomas se explicava pela relação com a cena traumática que o causara. Eram, segundo a expressão técnica, determinados pelas cenas cujas lembranças representavam resíduos, não havendo já necessidade de considerá-los produtos arbitrários ou enigmáticos da neurose. Registremos apenas uma complicação que não fora prevista: nem sempre era um único acontecimento que deixava atrás de si os sintomas; para produzir tal efeito uniam-se na maioria dos casos numerosos traumas, às vezes análogos e repetidos. Toda essa cadeia de recordações patogênicas tinha então de ser reproduzida em ordem cronológica e precisamente inversa - as últimas em primeiro lugar e as primeiras por último -, sendo completamente impossível chegar ao primeiro trauma, muitas vezes o mas ativo, saltando-se sobre os que ocorreram posteriormente (FANON, 2020, p. 159).

Pelo que foi descrito é possível concluir, em apertado resumo, que o trauma é uma atualização imaginária (e talvez inconsciente), de algo vivido no passado, algo como uma mancha que tende a impregnar as experiências presentes com as lembranças e emoções do passado. O texto a seguir, também citado por Fanon a partir de Freud, dá suporte ao que estamos dizendo:

Chegamos à convicção, pelo exame dos doentes histéricos e outros neuróticos, de que a repressão das ideias, a que o desejo insuportável está apenso, malogrou. Expeliram-nas da consciência e da lembrança: com isso os pacientes se livraram aparentemente de grande soma de dissabores. Mas o impulso desejoso continua a existir no inconsciente à espreita de oportunidade para se revelar, concebe a formação de um substituto do reprimido, disfarçado e irreconhecível, para lançar à consciência, substituto ao qual logo se liga a mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pela repressão (FANON, 2020, p. 160).

Como, no caso do racismo “todos os dias, o drama se repete nos países colonizados” (FANON, 2020, p. 162), o trauma do negro não é uma reaparição de um evento do passado, não se trata de uma “neurose típica”. Ele é tão presente e frequente que nem mesmo há tempo possível para inconscientizá-lo:

Como o drama racial tem lugar a céu aberto, o negro não tem tempo de o “inconscientizar”. O branco, por outro lado, em certa medida consegue fazê-lo; é

porque ocorre a aparição de um novo elemento: a culpa. O complexo de superioridade dos negros, seu complexo de superioridade ou seu sentimento igualitário são conscientes. A todo momento, eles o traspõem. Eles vivem seu drama. Não ocorre entre eles a amnésia emocional que caracteriza a neurose típica (FANON, 2020, p. 165).

Não adiantaria, portanto, uma terapia para esquecer ou desfazer traumas do passado. Trata-se de um ferir-se no e com o presente. Como disse Fanon: “Vocês chegaram muito tarde, tarde demais. Sempre haverá um mundo – branco – entre vocês e nós. Essa impossibilidade de o outro liquidar de uma vez por todas o passado (FANON, 2020, p. 136).

A qualquer tempo, basta um negro sair às ruas ou pensar sobre a condição social de sua raça para que ele se traumatize de novo, de novo e de novo. Afinal, o trauma do negro não decorre (ao menos necessariamente) de um laço causal mal elaborado entre os acontecimentos e as emoções do passado e do presente.

A segunda coisa a ser dita acerca da primeira pergunta diz respeito à localização do trauma (pele). Convenhamos, para dar conta de eliminar a causa do trauma psíquico, a terapia precisaria tirar o racismo do branco (situação que levaria o branco para o divã) ou embranquecer o negro e, importa destacar, não bastaria para a terapia embranquecer o negro em seu comportamento (ou seja, tirar a negritude da linguagem e dos desejos dos seres humanos negros, pois isso a dominação imposta pela civilização branca já fez, tal como aparece detalhadamente descrito nos 3 primeiros capítulos do livro de Fanon: O negro e a linguagem; A mulher de cor e o branco e O homem de cor e a branca), seria necessária uma terapia física para arrancar a negritude da pele do negro, local onde encontra-se sua inferiorização. Afinal, diferentemente do que acontece com outros povos inferiorizados, a exemplo dos judeus, “aonde quer que vá, um negro continua sendo um negro” (FANON, 2020, p. 186):

[...] o judeu pode ser ignorado em sua judeidade. Ele não é integralmente aquilo que é. Esperam por ele. Aguardam-no. Seus atos e seu comportamento serão decisivos, em última instância. É um branco e, com exceção de alguns traços muito discutíveis, pode até passar despercebido. Pertence à raça dos que, por toda a história, evitaram a antropofagia. Mas que ideia, devorar o próprio pai! Se tudo estiver em ordem, basta não ser negro. É claro que os judeus são intimidados – o que estou dizendo? -, são perseguidos, exterminados, enviados aos fornos, mas essas são querelas em família. O judeu deixa de ser amado a partir do momento que é identificado. Mas, no meu caso, tudo ganha uma *nova* cara. Nenhuma chance me é concedida. Sou sobredeterminado a partir do exterior. Não sou escarvo da “ideia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparência.

Chego lentamente ao mundo, já acostumado a não me arrogar aparições repentinas. Eu me movo rastejando. E já me dissecam os olhares brancos, os únicos verdadeiros. Sou *fixado*. Uma vez ajustado o micrótomo, eles objetivamente realizam cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um negro, ora essa!

Eu me arrasto pelos cantos, encontrando minhas longas antenas os axiomas dispersos pela superfície das coisas - a roupa do negro cheira a negro - os dentes do negro são brancos - os pés do negro são grandes - o peito largo do negro -; eu me arrasto pelos cantos, fico em silêncio, aspiro ao anonimato, ao esquecimento. Vejam só, aceito tudo, desde que possa passar despercebido (FANON, 2020, p. 130).

2. Se o ser humano negro sabe que não é inferior, ele não pode simplesmente afirmar sua igualdade?

Por duas razões, a resposta é: não!

Primeiramente, porque afirmar-se igual em uma condição faticamente desigual é trazer para si mesmo uma mentira como se verdade fosse, é enganar-se. De que adiantaria uma mulher negra que limpa o vaso sanitário do consultório de uma médica branca dizer para si mesma que ela não é inferiorizada, se ela sabe as condições que ambas vivem, as condições nas quais são criados seus filhos etc? Não cabe, portanto, ao ser humano negro, em um exercício de negação do real, dizer “eu não sou inferiorizado”, como um tipo de autossugestão ou autoconvencimento. Para ele, “só haverá uma autêntica desalienação na medida em que as coisas, no sentido mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares.” (FANON, 2020, p. 26). Estar sob o domínio de uma mentira é justamente o que Fanon chama de alienação:

“permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo:

— econômico, em primeiro lugar;
— e, em seguida, pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade.

(...) O negro deve travar a luta nos dois níveis: visto que eles, em termos históricos, se condicionam mutuamente, qualquer libertação unilateral será imperfeita, e o pior erro seria acreditar em uma interdependência mecânica entre ambos.” (FANON, 2020, p. 25).

Depois, em razão daquilo que Fanon chama de sociogenia. Segundo ele, “é preciso dizer que, em certos momentos, o *socius* é mais importante do que o homem” (FANON, 2020, p. 118):

Em reação à tendência constitucionalizante do final do século XIX, Freud, por exemplo, por meio da psicanálise, exigiu que se levasse em conta o fator individual. Ele substituiu uma tese filogenética pela perspectiva ontogenética. Veremos que a alienação do negro não é uma questão individual. Além da filogenia e da ontogenia, existe a sociogenia. Num certo sentido, em resposta à exortação de Leconte e Damey, digamos que se trata, neste caso, de um sóciodiagnóstico.

Qual o prognóstico?

A sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não está imune à influência humana. O homem é aquilo que faz com que a sociedade exista. O prognóstico está nas mãos daqueles que anseiam abalar as carcomidas fundações do edifício (FANON 2020, p. 25).

Em outras palavras, isso significa dizer que o homem não é causa de si mesmo. Assim, se “a neurose não é constitutiva da realidade humana” (FANON, 2020, p. 166), há de haver uma causa para ela:

O inconsciente coletivo não é dependente de uma herança cerebral: é a consequência do que chamarei de imposição cultural irrefletida. Nada de espantoso, portando, que um antilhano submetido ao método do sonho acordado, reviva os mesmos fantasmas que um europeu. É que o antilhano tem o mesmo inconsciente coletivo do europeu (FANON, 2020, p. 202).

Fanon é muito convincente para demonstrar que o racismo é real e portanto, como fenômeno social presente, interfere, modifica, condiciona a subjetividade do homem e da mulher negra. Sendo a sua vida uma experiência de necessária e constante interação com o meio, o ambiente exerce sobre o ser humano forte influência, na medida em que condiciona os afetos desse ser. Para isso não acontecer precisaria haver uma separação entre corpo e mente. Só assim seria possível que algo concreto acontecesse com o corpo humano e a mente pudesse, apesar desses acontecimentos, manter-se intacta, ou ainda, voltar-se em direção independente desses mesmos acontecimentos, ou seja, precisaria que o humano fosse dotado de 'livre-arbítrio'.

Entretanto, essa não é a ontologia (ideia do ser) defendida por Fanon. Para ele, corpo e mente "não se contrapõe" (FANON, 2020, p. 140). A passagem a seguir deixa evidente tal posicionamento:

A escolha do objeto fóbico é, portanto, sobredeterminada. Esse objeto não emerge da noite do Nada, ele, em determinada circunstância, provocou um afeto no sujeito. A fobia é a presença latente desse afeto no substrato que alicerça o mundo do sujeito; existe uma organização, uma conformação. Pois, obviamente, o objeto não precisa estar ali, basta que ele seja: é uma possibilidade. Esse objeto é dotado de más intenções e de todos os atributos de uma força maligna. No fóbico, há uma priorização do afeto em detrimento de qualquer pensamento racional. Como se pode ver, o fóbico é um indivíduo que obedece às leis da pré-lógica racional e da pré-lógica afetiva: um processo de pensar e sentir que remete à época em que se produziu o acidente que gerou a insegurança (FANON, 2020, p. 169).

A partir de tal posicionamento, conclui-se que ninguém se afeta porque quer, mas porque está interagindo o tempo todo com o ambiente. O mundo pós-colonial é racista e isso, inevitavelmente, afeta o ser humano negro de forma prejudicial. Não é porque quer ou porque não sabe como fazer de outra forma que o ser humano negro se traumatiza. Não se trata de uma questão de escolha. Isso significa que todos os seres humanos negros serão afetados, ainda que não necessariamente da mesma maneira.

Mas, há ainda o mais importante. Fanon defende sim a existência de uma terapia, terapia que não trata apenas os seres humanos negros, é o que fica claro quando ele diz que "uma experiência subjetiva pode ser compreendida por outrem; e não me agrada nem um pouco dizer que "o problema do negro é meu problema, apenas meu" (FANON, 2020, p. 101). A terapia, para Fanon, deve estar voltada para a causa dos traumas psíquicos dos negros e, como tal, consiste em mudar as estruturas sociais que asseguram o privilégio dos brancos e a inferiorização dos negros:

Mas, fora do meu laboratório de psicanalista, quando tiver de integrar minhas conclusões ao contexto do mundo, direi:

1. Meu paciente sofre de um complexo de inferioridade. Sua estrutura psíquica corre o risco de se desmantelar. É preciso protegê-lo e, pouco a pouco, libertá-lo desse desejo inconsciente.
2. Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica.

Surge, então, a necessidade de uma ação conjunta sobre o indivíduo e sobre o grupo. Enquanto psicanalista, devo ajudar meu cliente a conscientizar seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas sim a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais.

Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2020, p. 114).

Do que foi dito, concluímos que até que tenhamos transformado as estruturas sociais, e nós o faremos, querer tratar o complexo de inferiorização dos negros com terapia, das duas uma, ou é uma tentativa racista de culpar as vítimas pelos ferimentos externos que lhes são causados, ou é só mais uma expressão da dormência que existe com relação ao sofrimento do povo negro. Dada à relação de causa e efeito que tudo governa, em um mundo racista, trate uma pessoa negra em um consultório de psicoterapia, ela voltará às ruas e adoecerá de novo.

Bibliografia

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. (1952); tradução de Renato da Silveira - São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Recebido em: 12/2022
Aprovado em: 12/2022